

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ISABELA MARA ROSSETTO

OÁSIS URBANO – VALORIZAÇÃO DE RIOS NA ÁREA CENTRAL DE CURITIBA

CURITIBA  
2011

ISABELA MARA ROSSETTO

## OÁSIS URBANO – VALORIZAÇÃO DE RIOS NA ÁREA CENTRAL DE CURITIBA

Artigo apresentado para a conclusão do Curso de Especialização em Projeto e Paisagem Urbana, do curso Arquitetura e Urbanismo, Setor de Ciências Exatas, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eneida Kuchpil

CURITIBA  
2011

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

ISABELA MARA ROSSETTO

OÁSIS URBANO – VALORIZAÇÃO DE RIOS NA ÁREA CENTRAL DE CURITIBA

Artigo aprovado como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista no Curso de Pós-Graduação em Projeto e Paisagem Urbana, Curso de Arquitetura e Urbanismo, Setor de Tecnologia, Universidade Federal do Paraná, pelo

---

Profa. Dra. Eneida Kuchpil  
Orientadora – Departamento de Arquitetura e Urbanismo, UFPR

Curitiba, 16 de abril, 2012

## RESUMO

O presente artigo aborda o tema Rios Urbanos em Áreas Centrais e busca discutir possibilidades de intervenções projetuais aplicáveis no centro da cidade de Curitiba com o intuito de resgatar a relação entre homem e natureza. Não se trata de reabilitar as margens de rios, mas discutir o desenho da paisagem de modo que seja possível o reconhecimento pela população do atual caminho percorrido pelas águas subterrâneas.

Palavras chave: Rios urbanos, Curitiba, desenho da paisagem.

## **ABSTRACT**

This article discusses the Urban Rivers in Central Areas theme and seeks to discuss the possibility of applicable design interventions in the center of the city of Curitiba in order to rescue the relationship between man and nature. This is not to rehabilitate the banks of rivers, but to discuss the landscape design so that it is possible for the population to recognize the current path taken by groundwater current path.

Key words: Urban Rivers, Curitiba, landscape design.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 -	PARQUE LINEAR NA CIDADE DE SEOUL, CORÉIA.....	10
FIGURA 02 -	MAPA DO CENTRO DE CURITIBA EM 1894 – LOCALIZAÇÃO DOS RIOS.....	12
FIGURA 03 -	MAPA DO CENTRO DE CURITIBA EM 2010 – LOCALIZAÇÃO DOS RIOS.....	12
FIGURA 04 -	LOCALIZAÇÃO DAS INTERVENÇÕES - TIPOLOGIA 1: RUAS E AVENIDAS.....	15
FIGURA 05 -	PROPOSTA PARA RUAS E AVENIDAS.....	15
FIGURA 06 -	LOCALIZAÇÃO DA INTERVENÇÃO - TIPOLOGIA 2: LARGO BITTENCOURT.....	16
FIGURA 07 -	PROPOSTA PARA O LARGO BITTENCOURT.....	16
FIGURA 08 -	LOCALIZAÇÃO DA INTERVENÇÃO - TIPOLOGIA 3: PRAÇAS.....	16
FIGURA 09 -	PROPOSTA PARA A PRAÇA CARLOS GOMES.....	17
FIGURA 10 -	PROPOSTA PARA A PRAÇA CARLOS GOMES: OBSERVATÓRIO.....	17

## SUMÁRIO

1. O HOMEM NA PAISAGEM NATURAL.....	8
2. EXEMPLOS PELO MUNDO.....	10
3. CONTEXTO CURITIBANO.....	12
4. METODOLOGIA DE PROJETO.....	14
5. CONCLUSÕES.....	18
REFERÊNCIAS.....	19

## 1. O HOMEM NA PAISAGEM NATURAL

A paisagem urbana das grandes cidades, decorrente do contínuo processo de produção do espaço, se distancia demasiadamente da paisagem natural, sobre a qual a cidade foi construída, a ponto de não identificarmos mais seus traços originais. Entre os elementos que vêm sofrendo constante depreciação ao longo da história das cidades brasileiras estão os rios, inicialmente utilizados para abastecimento de água e transporte fluvial, mas que logo passaram a ter suas águas desviadas para atender necessidades particulares e receber esgoto em suas várzeas. As áreas de recreação sobre as quais brincavam crianças e adultos transformaram-se em espaços de uso esporádico e o contato com o rio passou a ser condenado em nome da saúde pública.

A relação afetiva presente no contato do homem com a paisagem natural perdeu espaço com o acelerado processo de desenvolvimento urbano do séc. XX, regido sob as perspectivas sanitarista e estética, que transformavam os leitos de rios em corredores de tráfego. Segundo Bartalini (2009), “há de se admitir que a qualidade da paisagem, sob o estrito aspecto visual, ao longo de rios como o Prata, em Buenos Aires, ou o Mapocho, em Santiago do Chile (...) é incomparavelmente superior à que envolve os principais rios paulistanos, mesmo nos trechos em que atravessam áreas social e economicamente mais privilegiadas”. Trata-se do uso empregado às suas margens, que, em São Paulo, bem como em grande parte das grandes cidades brasileiras, sofreram com a sobrevalorização do sistema viário.

Embora existam projetos de requalificação das áreas em torno de rios em áreas urbanas consolidadas, estes contemplam apenas os grandes leitos que correm a céu aberto, prevendo a implantação de “corredores verdes”, quando já existem ruas e avenidas construídas em suas margens, ou de parques lineares, quando suas margens encontram-se desimpedidas. Os cursos d’água de dimensões reduzidas, imperceptíveis aos olhares desatentos, bem como os que foram canalizados e tamponados e deixaram de fazer parte da cena urbana não são contemplados nem nos projetos paisagísticos mais detalhados. Apenas nos planos de infra-estrutura são considerados, onde a proposição de tamponamento é apontada como primeira – e, comumente, única – alternativa, sob a justificativa de que as restrições ambientais legais são inviáveis devido às suas ínfimas dimensões.



Mas, com o olhar atento, os vestígios da existência de pequenos cursos d'água ainda podem ser encontrados. Em áreas urbanas densas e de ocupação antiga, são os bueiros que permitem esta percepção, seja visual, auditiva ou olfativa. Em outros casos podem ser observados becos, quase sempre abandonados, para onde se voltam os fundos das construções, pequenas áreas verdes públicas ou ainda escadarias que conduzem ao que seria o leito original do rio, acentuando o desnível comum em suas margens.

Por meio da articulação destes pequenos acontecimentos na paisagem, é possível “recontar a ‘história’ dos córregos e torná-la concretamente disponível, ou seja, passível de ser lida e fruída nas práticas diárias que se dão sobre o espaço” (Bartalini, 2009). Assim, mesmo em regiões já comprometidas pela urbanização, torna-se possível restabelecer a relação sensível entre o homem e seu meio e, conseqüentemente, desenvolver a consciência de atitudes ambientalmente corretas.

“Dar significado a estes acidentes não se esgota, porém, na sua “recuperação” do ponto de vista ambiental, quando factível, nem na sua disponibilidade como espaços de circulação e recreação, nem na urbanidade que um eventual tratamento poderia lhes emprestar. Além desses efeitos, possíveis e até desejáveis, evidenciar o percurso dos córregos ocultados e atribuir-lhes valor é deixar ascender à consciência uma das experiências mais básicas e impregnantes do fazer humano: a relação direta com a matéria primitiva da Terra, que se tornou mundo habitável por este mesmo fazer, mas que o alto grau de transformações já operadas torna distante, quase extinta, e o afazer cotidiano embota.”  
(Bartalini, 2009)

Neste contexto, vale ressaltar também o tempo despendido atualmente pelos indivíduos em espaços públicos, pois pode-se dizer que a maior parte dos acontecimentos diários se passam na cena social, o que permite que a infra-estrutura urbana estabeleça fortes relações com o território, criando os chamados ‘lugares’. O espaço que percebemos não é produto de sensações isoladas, mas da soma de percepções em um dado espaço de tempo (Álvarez-Greselín-Martínez, 2008-11). Estas percepções, segundo Noll (2010), englobam a separação ‘homem e natureza’ produzida artificialmente na paisagem antrópica e precisam ser questionadas.

## 2. EXEMPLOS PELO MUNDO

Neste contexto, vale ressaltar a iniciativa de um pequeno grupo de estudantes/pesquisadores da cidade de São Paulo, que chamou a atenção do público em geral com a gravação de um documentário intitulado 'Entre Rios', que conta a história de grandes Rios da cidade. São Paulo se desenvolveu entre os Rios Tamanduateí e Anhangabaú. A primeira capela instalada pelos jesuítas ficava sobre uma colina entre estes dois rios. O primeiro garantia o acesso ao Tietê e a circulação fluvial por toda a região; o segundo era usado para o abastecimento de água potável. O canal que passa ao lado do mercado municipal é o Rio Tamanduateí, cuja região de várzea chegava até a Rua 25 de Março. Em suas margens havia um porto e já naquela época a área era de comércio popular intenso. Em 1967, com a construção da estrada de ferro São Paulo Railway, a relação do rio com a cidade foi alterada: as distancias foram encurtadas e os rios, que antes eram a razão de crescimento das cidades tornaram-se obstáculos ao seu crescimento. A construção do viaduto do chá sobre o Vale do Anhangabaú foi o primeiro marco de superação às barreiras que os rios impunham aos limites da cidade. Em 1978 a cidade foi provida de água encanada. Quanto maior o número de pessoas, maior a quantidade de água; e quanto maior a quantidade de água, maior a quantidade de esgoto despejado nas várzeas dos rios que cruzavam a cidade. As margens dos rios perdem valor imobiliário e a pressão do acelerado processo de urbanização as transformam em corredores de tráfego.

Vale citar ainda o exemplo da cidade de Seoul, na Coréia, que após um longo processo de intervenções, de aproximadamente 10 (dez) anos, hoje desfruta dos



FIGURA 01 – PARQUE LINEAR NA CIDADE DE SEOUL, CORÉIA  
FONTE: internet (2011)

benefícios do contato com a natureza em pleno centro urbano. A execução do projeto de grande escala teve início em 2003 com a demolição de uma das avenidas mais movimentadas da cidade e a construção de um parque linear, conforme ilustra a FIGURA 01. O processo de reversão da malha viária em uma área que emprega elementos naturais, apesar de manter a canalização, aponta uma alternativa para o caso de São Paulo. O rio *Cheonggyecheon*, coberto por um viaduto, voltou a correr a céu aberto em uma extensão de 8 km. A cidade ganhou uma nova paisagem, com parques arborizados e um rio limpo após o processo de despoluição. O rio voltou a ter peixes e sua margem é freqüentada por moradores e turistas durante o dia e a noite. A temperatura no local, após a criação do parque, é em média 3,5 graus abaixo do restante da cidade.

### 3. CONTEXTO CURITIBANO

O caso de Curitiba se distingue dos acima descritos embora seus cursos d'água também tenha sofrido os processos de canalização e tamponamento. Aqui tornou-se impossível identificar através dos eventos na paisagem o percurso natural dos leitos d'água. Ruas, praças e até construções particulares hoje encontram-se sobre estes rios. Através da sobreposição de dados levantados em campo e mapas fornecidos pelo Instituto das Águas do Paraná foi possível identificar três corpos hídricos presentes na área central da cidade: Rio Belém, Rio Ivo e Córrego do Barigui. Os dois últimos leitos atuam como afluentes do Rio Belém, o único a possuir sua nascente e sua foz dentro do município de Curitiba.

As FIGURAS 02 e 03 mostram, respectivamente, os mapas de Curitiba em 1894 e em 2010, neste último com o traçado atual dos rios em sua área central: a área verde, correspondente à vegetação, corresponde ao trecho canalizado e o centro da figura, à área canalizada e tamponada.



FIGURA 02 – MAPA DO CENTRO DE CURITIBA EM 1894 – LOCALIZAÇÃO DOS RIOS  
FONTE: O Autor (2011)

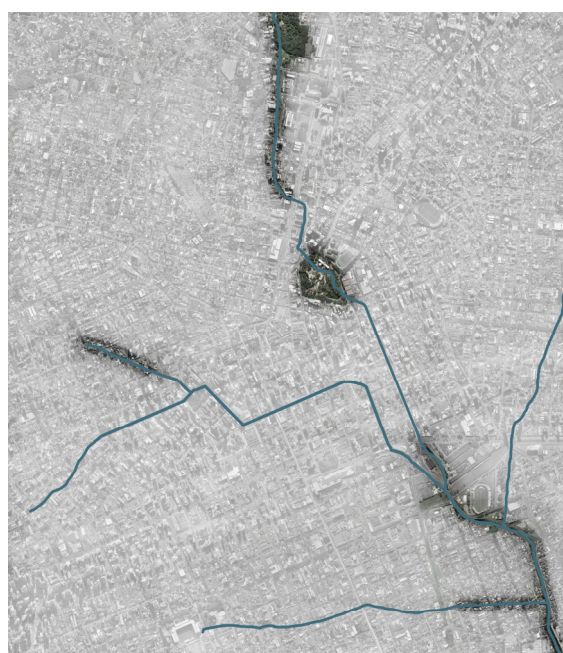


FIGURA 03 – MAPA DO CENTRO DE CURITIBA EM 2010 – LOCALIZAÇÃO DOS RIOS  
FONTE: O Autor (2011)

Os mapas apontam a ausência do contato com a natureza no atual centro da Cidade, região a partir da qual a cidade cresceu e que hoje tem todos os seus rios encobertos e imperceptíveis ao olhar de quem por ali passa. Apesar de cidade possuir

bastantes parques, a relação com a água acontece apenas nas áreas descentralizadas, como é o caso dos parques Tanguá, Tingui, São Lourenço e Barigui, para citar alguns exemplos. Segundo Duarte (2006), “a incorporação do rio à paisagem urbana teve como marco inicial a construção do Parque São Lourenço em 1972, com o intuito de regular a vazão do rio após uma grande enchente que provocou o rompimento da represa homônima.” Parques foram construídos à jusante dos rios para servirem de bacias de contenção e evitar os alagamentos nas áreas centrais.

Em um breve histórico do Rio Belém, o maior corpo d’água a cortar o centro da cidade, pode-se citar a preocupação com a salubridade, grande responsável pelas obras de canalização e tamponamento dos rios brasileiros. Já no ano de 1888 o Belém sofria com a falta de saneamento e Curitiba teve a primeira epidemia de tifo relacionada ao seu esgoto.

Em 1935, o Rio teve sua extensão retificada em um trecho de 17,8 km que passou para um percurso de 7,2 Km. Em 1962 e 1967 foram realizadas várias obras nos rios curitibanos e duas delas foram: a canalização do Belém no trecho que compreende o Centro Cívico até o Passeio Público e a cobertura de um de seus afluentes, o Rio Ivo. Ainda sobre o Passeio Público, inaugurado em 1886, cabe ressaltar que ele foi por dois séculos o único parque da capital paranaense, criado com a finalidade de drenar uma área pantanosa por onde passava o Rio Belém e atuar como um produto do saneamento do centro da cidade. É o único ponto onde é possível perceber a presença de um Rio no centro da cidade, embora uma reforma em 1910 tenha redesenhado e impermeabilizado seus lagos.

No ano de 2005 um projeto do poder público para o Belém incluía descanalizações e um espelho d’água na Rua Mariano Torres, mas não foi executado.

A cidade de Curitiba possui sistema de controle da qualidade das águas, embora as análises apresentem resultados bastante preocupantes. No Rio Belém, por exemplo, não existe nenhuma espécie animal viva. 19,7% dos imóveis localizados na bacia do Rio – o equivalente a 24,8 mil residências – não estão ligados à rede de esgoto. Em pesquisa realizada pela Campanha ‘Águas do amanhã’, que incentiva o tratamento do Rio, foram apontadas algumas alternativas para sua despoluição, entre elas o resgate da identidade da população com o Rio e sua revalorização através de obras paisagísticas para torná-lo um local agradável de se freqüentar, com praças, bosques e jardins. Estas soluções são apresentadas em conjunto com o tratamento da água poluída e a expansão da rede de esgoto para 100% dos lotes atingidos.

#### 4. METODOLOGIA DE PROJETO

Após extensa análise do centro da cidade de Curitiba – através do levantamento de dados em campo e posterior sobreposição de dados, realizados por uma equipe de pesquisa envolvida em novas proposições para o centro da cidade –, ficou nítida a ausência de qualquer corpo d'água nesta área. Grandes avenidas, praças, igrejas e ruelas que conservam a história de antigos moradores; como em grande parte das cidades brasileiras, foi possível identificar todos estes elementos no centro de Curitiba. Omitiram-se os rios, antigas fontes de abastecimento, sem os quais a cidade não teria se desenvolvido. Apenas alguns bueiros e bocas de lobo, o som da água correndo sob o asfalto podem ser notados pelos mais observadores. Desta forma, as propostas a seguir descritas tentam, de alguma forma, retomar a relação homem x natureza, mais especificamente a relação homem x água. Assim, foi possível estabelecer possíveis locais para a realização de intervenções que trouxessem, de alguma forma, à consciência coletiva a existência de rios sob o chão que se pisa, lembrados apenas em épocas de chuvas intensas por meio de enchentes e pequenos alagamentos.

Por se tratar de uma área densa e já consolidada, exclui-se de antemão a alternativa de reconstituir a mata ciliar na busca por um ambiente que remeta às origens dos Rios curitibanos. O contexto urbano, com suas ruas, avenidas, quadras e lotes definidos não permitiria tal intervenção.

Apesar de se tratarem de intervenções pontuais, os elementos de projeto aplicados a cada uma delas se repetem na cidade. Os pisos de madeira e de cobre, iluminação, vegetação, e mobiliário urbano em geral utilizado nas propostas deve se repetir em todos os pontos em que o projeto se aplica, buscando assim o diálogo entre as intervenções. Trata-se de criar uma unidade identificável pela população no que se refere aos Rios do centro da cidade.

Foram definidas três tipologias de intervenção e desenvolvidos ensaios de projeto sobre cada uma delas, considerando a possibilidade de aplicação em locais de configuração urbana semelhante.

A primeira delas, conforme a FIGURA 04, na Rua Mariano Torres, se configura pela existência de faixas de rolagem de automóveis divididas por um canteiro central, sob o qual hoje passa o Rio Belém. Esta tipologia também poderia ser aplicada na Rua



Fernando Moreira, em cujo canteiro central permanece aberto, embora canalizado, o Córrego do Barigui com seus chorões emblemáticos.

Nesta tipologia propõe-se abrir pequenos rasgos para a visualização do Rio. Nas áreas em que o Rio permanece coberto, sua presença é marcada pelo piso de cobre. As áreas em madeira configuram degraus com caimento sempre em direção ao centro do curso d'água, em uma referência às áreas de várzea. (FIGURA 05)

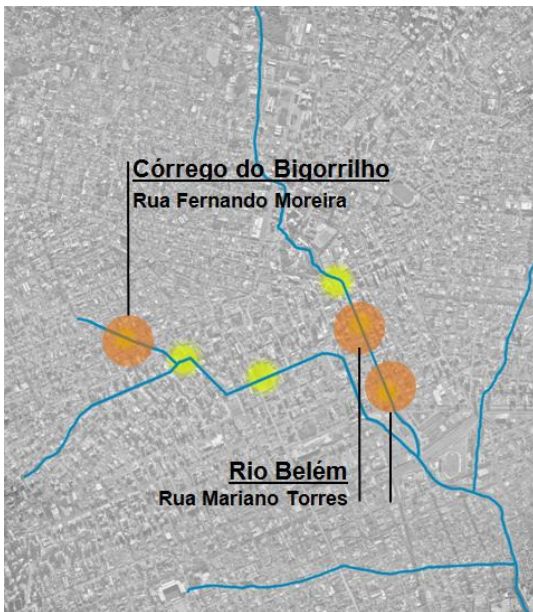


FIGURA 04 – LOCALIZAÇÃO DAS INTERVENÇÕES - TIPOLOGIA 1: RUAS E AVENIDAS  
FONTE: O Autor (2011)



FIGURA 05 – PROPOSTA PARA RUAS E AVENIDAS  
FONTE: O Autor (2011)

A segunda possibilidade de projeto acontece no Largo Bittencourt (FIGURA 06), próximo ao Passeio Público. Por se tratar de local pouco utilizado, uma área maior do Rio poderia ser aberta. Os mesmos elementos de projeto existentes na primeira proposta se repetem aqui. (FIGURA 07)

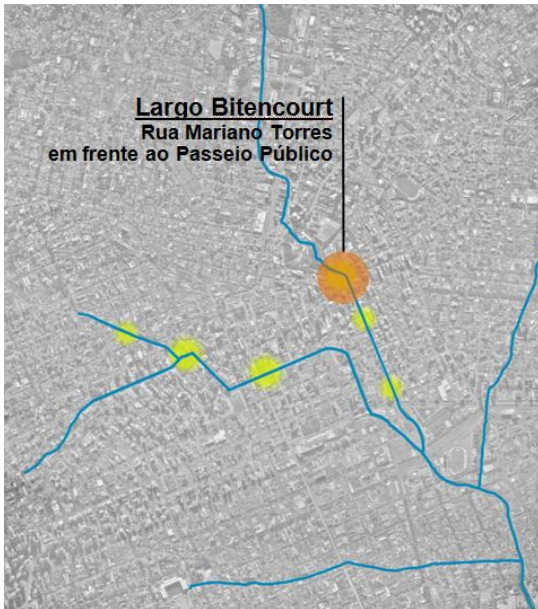


FIGURA 06 – LOCALIZAÇÃO DA INTERVENÇÃO - TIPOLOGIA 2: LARGO BITTENCOURT  
FONTE: O Autor (2011)



FIGURA 07 – PROPOSTA PARA O LARGO BITTENCOURT  
FONTE: O Autor (2011)

Por fim, o terceiro local de intervenção acontece na Praça Carlos Gomes – se encontra situada sobre o Rio Ivo –, com a possibilidade de aplicação de projeto semelhante na Praça Osório, também cortada pelo Rio Ivo, conforme mostra a FIGURA 08.

Estudos realizados nesta praça apontam o entorno do lago existente como ponto de maior permanência de pessoas. Isto pode ser em parte explicado pela sensação de contato com a natureza que buscam os transeuntes.

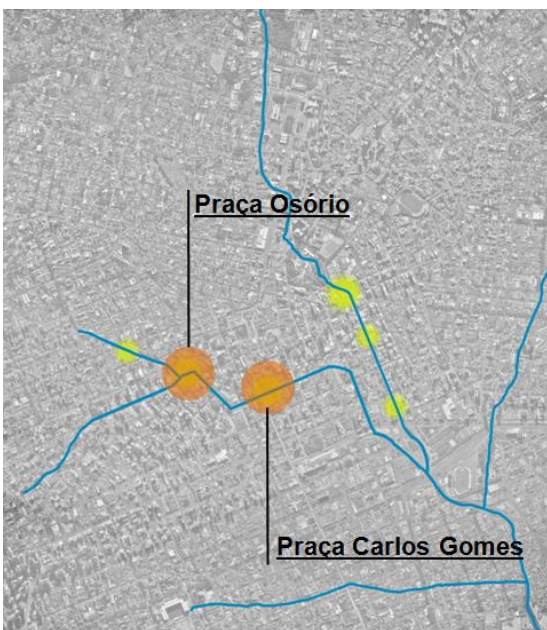


FIGURA 08 – LOCALIZAÇÃO DA INTERVENÇÃO - TIPOLOGIA 3: PRAÇAS  
FONTE: O Autor (2011)

Nesta praça a intervenção se mostra maior que nas outras localidades, devido a sua extensão. O Rio Ivo encontra-se hoje canalizado sob as pistas de rolagem por onde circulam veículos de transporte público. A dificuldade de trabalhar sobre o sistema viário existente apontou a possibilidade de empregar o mesmo piso de cobre nos terminais de ônibus que se encontram na calçada da Rua José Loureiro. Além disso, as escadarias de madeira que nos projetos acima descritos fazem referencia às margens dos Rios, aqui



se prolongam até 4 metros abaixo do nível da praça. Um grande vidro em uma das faces canalizadas do Rio torna possível o contato visual, conforme as FIGURAS 09 E 10.

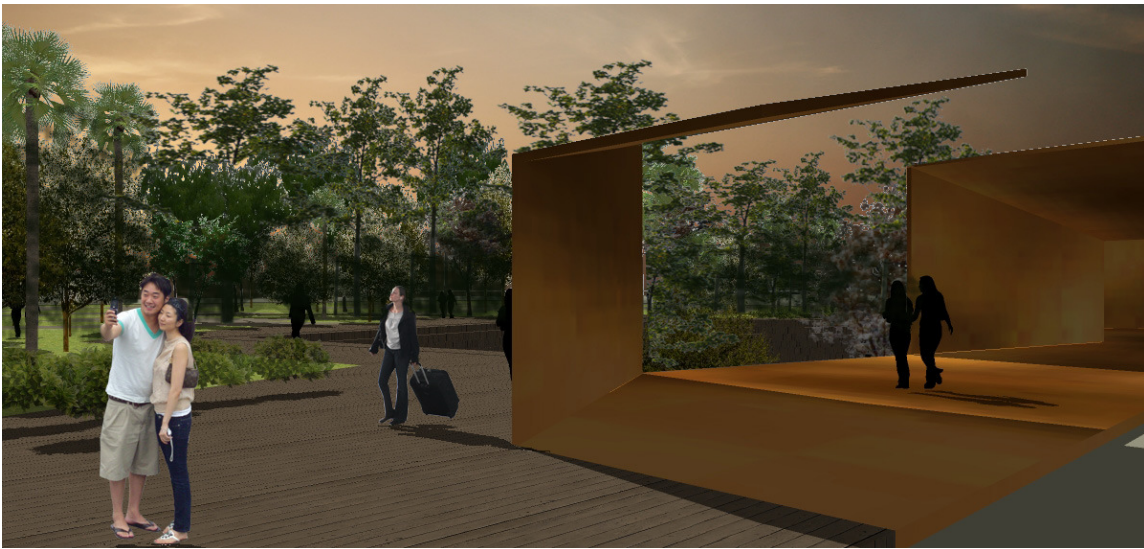


FIGURA 09 – PROPOSTA PARA A PRAÇA CARLOS GOMES  
FONTE: O Autor (2011)



FIGURA 10 – PROPOSTA PARA A PRAÇA CARLOS GOMES: OBSERVATÓRIO  
FONTE: O Autor (2011)

## 5. CONCLUSÕES

As alternativas de projeto discutidas neste ensaio não procuram ditar o melhor caminho para a revitalização e reapropriação pela população dos rios hoje esquecidos; buscam apenas debater o assunto para que novas possibilidades possam ser encontradas, discutidas e posteriormente, aplicadas.

O estudo mais aprofundado das questões históricas, biológicas, urbanísticas e de ecologia da paisagem, bem como dados de qualidade da água, evolução do uso do solo e cobertura vegetal e relação entre sistema viário local e o adensamento construtivo são se mostra necessário.

Com base nos dados coletados, pode-se dizer que os rios em Curitiba não serviram de ponto de partida de planejamento da paisagem urbana ao longo do processo de urbanização. As obras realizadas em seus leitos durante o processo evolutivo negligenciaram os valores naturais, culturais e sociais existentes no espaço ribeirinho. As obras tiveram preocupações visuais referentes à imagem da cidade que sobrepujaram o traçado urbano da modernidade às questões paisagísticas até então valorizadas. Desta forma, a interação da natureza com as pessoas na cidade de Curitiba foi prejudicada e hoje é difícil encontrar meios para reverter este quadro.

Talvez a proposição de intervenções no nível do pedestre que transita pela calçada, como o trabalho do piso ou a instalação de algum mobiliário específico que faça referência ao Rio que corre sob seus pés apareça como solução mais viável para implementação. Ainda que não seja possível ver ou sentir seu cheiro, a marcação de sua presença pode ser o início do processo de reaprendizado do cidadão. Ninguém cuida do que não vê. Ainda que tímido, este pode ser o começo.

## REFERÊNCIAS

ÁLVAREZ, A; GRESELÍN, V; MARTÍNEZ, T. **El movimiento como experiencia de paisaje** – Uma proposta de reestruturação Del nexo entre La ciudad de La Plata y El Río *in* Diseñando el paisaje, 2008-11: 46-64.

BARTALINI, V. **A trama capilar das águas na visão cotidiana da paisagem**. Maio de 2009. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/09.108/51> . Acesso em: 11 de maio de 2011.

BARTALINI, V. **Paisagem e cultura em São Paulo**. Maio de 2004. Disponível em: <http://www.vitruvius.fr/revistas/read/arquitextos/05.049/573>. Acesso em: 27 de outubro de 2011.

BARTALINI, V. **Os córregos ocultos e a rede de espaços públicos urbanos**. Março de 2009. Disponível em: <http://vitruvius.es/revistas/read/arquitextos/09.106/64> . Acesso em: 27 de outubro de 2011.

COSTA, L.M.S.A. (Org.). **Rios e Paisagens Urbanas em Cidades Brasileiras**. Rio de Janeiro: Viana & Mosley / PROURB, 2006.

DUARTE, F. **Rastros de um Rio Urbano – Cidade comunicada, cidade percebida**. Ambiente e Sociedade, julho-dezembro, v. 9. Campinas, 2006: 105-122, Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/asoc/v9n2/v9n2a06.pdf> . Acesso em: 08 de outubro de 2011.

NOLL, J. F. **Entre o líquido e o sólido: paisagens arquitetônicas nos limites e bordas fluviais**. Blumenau: Edifurb, 2010.

(Público), **A revitalização de um rio de Seul, na Coreia do Sul, mudou a paisagem a tal ponto que as imagens de antes e depois parecem falsas**. Disponível em: <http://www.cidadederibeiraopreto.com.br/noticia777-a-revitalizacao-de-um-rio-de-seul-na-coreia-do-sul-mudou-a-paisagem-a-tal-ponto-que-as-imagens-de-antes-e-depois-parecem-falsas.html> . Acesso em: 19 de setembro de 2011.

(Público), **Abrace esta causa: Revitalização do Rio Belém**. Disponível em: [http://www.abraceestacausa.org.br/rio\\_belém.php](http://www.abraceestacausa.org.br/rio_belém.php) . Acesso em: 08 de outubro de 2011.

(Público), **Curitiba - Das origens ao século XVIII**. Disponível em: [http://www.casadamemoria.org.br/index\\_historiadecuritiba.html](http://www.casadamemoria.org.br/index_historiadecuritiba.html) . Acesso em: 08 de outubro de 2011.

(Público), **Projeto Águas do Amanhã**, Curitiba. Disponível em: <http://www2.gazetadopovo.com.br/aguasdoamanha/> . Acesso em 20 de agosto de 2011.